

Biblioteca Anarquista



Anarquismo e Anticlericalismo

Camilo Berneri

Camilo Berneri
Anarquismo e Anticlericalismo
1926

<https://usa.anarchistlibraries.net/library/camillo-berneri-anarchism-and-anticlericalism>

[1] esperantista provavelmente se refere ao esperanto, língua que muitos radicais consideravam a possibilidade de ser uma língua universal. [2] literalmente, o “sem deus” ou “o ímpio.” [3] *Tour de force* é uma expressão que significa uma grande demonstração de força, habilidade ou proeza. Pode ser usada para descrever uma façanha ou um esforço significativo para alcançar um objetivo [4] Nave aqui significa a parte central de uma igreja católica, onde os fiéis normalmente se reúnem ou se ajoelham para fazer orações.

bibliotecaanarquista.org

1926

A revista esperantista¹ *Herezulo* publicou uma "carta da Rússia" datada de 20-5-1935, da qual revelo o seguinte trecho: "Talvez você esteja interessado em saber que nosso jornal *Il Senza-dio*² parou de sair. Por que? É difícil responder. Alguns dizem que não há papel; outros dizem que Stalin quer preparar o terreno para uma reaproximação com o Papa e os outros líderes da Igreja. O fato é que durante os últimos feriados da Páscoa as igrejas estavam completamente cheias, e os jovens comunistas e ateus não fizeram nada para perturbar essas cerimônias religiosas; Isso estava em contraste com os anos anteriores, quando as manifestações eram organizadas."

O fato do famoso jornal *Il Senza-dio* ter sido descontinuado não me comove em nada, e se a aproximação entre o czarismo bolchevique e o Vaticano me enoja, tal como todos os compromissos governamentais, a política de tolerância para com o culto ortodoxo grego e outros cultos parece-me ser uma indicação de um repensar saudável. O fato de as igrejas estarem repletas de fiéis depois de dezoito anos de propaganda ateuista é um fenômeno que deveria fazer parar os jovens ateus e estalinistas que estão tristes com o fato de não poderem perturbar as cerimônias religiosas.

A atitude atual de Stalin em relação à liberdade religiosa está estritamente de acordo com a legislação da URSS. Mais uma vez, não há aplicação estrita de leis e decretos que não eram regularmente respeitados pelas autoridades locais até 1935.

O direito ao "livre exercício da liberdade de consciência e de culto religioso" e a proteção "contra qualquer dano ou perseguição infligidos aos crentes por causa da sua fé ou culto religioso" é garantido pelo artigo 3.º do Decreto de 23 de Janeiro de 1918 e pelo artigo 2.º do Decreto de 23 de Janeiro de 1918.

O direito de celebrar pacificamente serviços e ritos religiosos é garantido pelo artigo 5.º do Decreto de 23 de Janeiro de 1918, que confia às autoridades locais a tarefa de garantir essa tranquilidade, e o artigo 127.º do Código Penal prevê que "qualquer interferência no exercício do culto religioso, desde que não comprometa a ordem pública nem viole os direitos de terceiros, é punível com trabalho forçado por período não superior a seis meses".

O direito de alugar, construir ou manter edifícios para o culto, de constituir associações religiosas e de arrecadar dinheiro para o culto e a manutenção dos seus ministros são garantidos pelo artigo 10.º, pelos

quando, em suma, o forte sopro da revolução tiver varrido quase todas as condições que fortalecem e corrompem o clero, que sujeitam as crianças ignorantes, a juventude sem horizonte e a feminilidade aflita, necessitada de esperança e ávida por apoio moral ao seu governo, o que será do "perigo clerical"? As igrejas, monumentos de um poder derrotado, como o arco imperial e o castelo feudal, verão os seus sinos silenciarem, as suas naves⁴ silenciarem sem cantos litúrgicos, os seus altares despojados de ouro e de velas, quando a revolução triunfar nos espíritos. Até que esta seja uma vitória sobre as coisas, silenciosa e disfarçada sob o olhar inquisitorial dos jacobinos, aparentemente derrotados e dispersos, mas mais viva do que nunca sob as cinzas, a Igreja ressurgirá mais cedo ou mais tarde, talvez ainda mais forte.

O anticlericalismo anarquista não pode ser iliberal ou simplista.

todos os anticlericais não acreditam que possa haver padres inteligentes, cultos, honestos e sérios, católicos, protestantes ou judeus, isso significa que quase todos os anticlericais são clericais à sua maneira.

O anticlericalismo, além de ser filosoficamente pobre e cientificamente simplista e superficial, foi na Itália, e ainda é na França e na Espanha, estreito do ponto de vista da compreensão do problema social.

O “perigo clerical” serviu na Itália como uma diversão para a burguesia liberal e o radicalismo. Na França, a partir de 1871, a luta contra a Igreja permitiu à burguesia republicana evitar as reformas sociais. Em Espanha, o republicanismo à la Lerroux também jogou a carta do anticlericalismo, que, levado a cabo pela esquerda, desenvolveu a coligação católico-fascista.

Esta especulação deve ser posta de lado. O proletariado não se alimenta de padres. E os revolucionários socialistas sabem que a hierarquia e os privilégios da Igreja são uma coisa, enquanto o sentimento religioso e o culto são outra. O direito ao batismo não pode ser colocado no mesmo nível das garantias papais. O convento franciscano não pode ser considerado da mesma forma que o banco católico. O prelado fascista não pode ser considerado como o padre que nunca se curvou ao fascismo ou como o pobre Dom Abundio da aldeia. As organizações sindicais católicas mostraram-se capazes, como em Lomellina, de atacar, sabotar e ocupar terras, e amanhã, na revolução italiana, seria estúpido colocar-se contra vastas massas do proletariado rural que são capazes de entrar no jogo das forças revolucionárias e socialistas por causa de um jacobinismo anticlerical. Os anarquistas devem ter fé na liberdade. Quando a educação estiver aberta a todos, quando a miséria do proletariado tiver desaparecido, quando as classes médias tiverem sido modernizadas, o clero não será mais capaz, uma vez cessada a situação de castas, de preencher completamente as suas fileiras. Já no pós-guerra, os seminários tinham ficado despovoados e eram frequentes os casos de jovens padres que, depois de obterem um título profissional, atiravam as suas vestes às urtigas.

Quando em cada aldeia o círculo cultural, o círculo recreativo, o clube desportivo, o teatro, o cinema, a rádio, etc., distrairão os jovens da Igreja e dos estudiosos católicos; quando a vida conjugal se tornar mais harmoniosa, para que as mulheres não sintam mais o fascínio da confissão e a necessidade do conforto religioso; quando o púlpito for a cadeira do professor e o sacerdote não for mais chamado a pontificar num âmbito sem contrastes, mas deverá travar uma batalha de ideias nos debates públicos;

artigos 15.^o e 45.^o do Decreto de 8 de Abril de 1929, e pelo artigo 54.^o do Decreto de 18 de Abril de 1922.

Parece-me que se pode concluir que a legislação da URSS afirma e protege a liberdade de culto. Eu declaro que, embora não pratique nenhuma religião nem professe nenhuma fé, apoiarei, durante a revolução italiana, os católicos, os protestantes, os judeus e os ortodoxos gregos sempre que exigirem liberdade religiosa para todas as religiões. Como tive a oportunidade de constatar que esta minha atitude e este meu propósito não têm o consenso geral dos meus companheiros crentes e camaradas de luta, considero útil - e creio que sim porque, além da santidade do princípio, tenho em conta erros revolucionários que, na minha opinião, estão repletos de graves danos e graves perigos - expressar o meu pensamento sobre essa questão.

Todo intelectual deveria - diz Salvemini em seu lindo discurso no Congresso Mundial de Intelectuais - tomando como lema as palavras de Voltaire:

“Senhor Abbot, estou convencido que seu livro é cheio de bestialidades, mais eu daria até a última gota de meu sangue para garantir seu direito de publicar suas bestialidades.”

Cada intelectual - eu diria - não pode rejeitar esse princípio sem deixar de ser um anarquista.

Quando, durante o último congresso mundial da AIT, disse aos delegados espanhóis para considerarem o anticlericalismo defendido pela CNT e por muitos elementos da FAI como não-anarquista, estreito e louco, e que um dos fatores de sucesso das correntes fascistas espanholas era o seu anticlericalismo, tive diante dos meus olhos uma deliberação levada a cabo por anarquistas espanhóis na qual o direito dos cultos de se manifestarem foi negado. Tolerando até mesmo sentimentos íntimos, já que esses sentimentos não eram inteiramente livres sob o comando de Mussolini, bem como sob Hitler e Stalin. O anticlericalismo assume muitas vezes o carácter de uma Inquisição racionalista. Um anticlericalismo iliberal, qualquer que seja a posição de vanguarda, é fascista.

Além de fascista, o anticlericalismo iliberal é pouco inteligente. Malatesta sempre se opôs aos fanáticos do... pensamento livre.

Reproduzindo esta notícia de um jornal anarquista: “Uma bomba explodiu numa procissão em Barcelona, deixando 40 mortos e não sabemos quantos feridos. A polícia prendeu mais de 90 anarquistas na esperança de pôr as mãos no heroico autor do ataque”, comentou da seguinte forma

no número único de *L'Anarchia* de agosto de 1896: “Não há razão para lutar, não há desculpa, nada: é heroico ter matado mulheres, crianças, homens indefesos porque eram católicos? Isto já é pior que a vingança: é a fúria mórbida dos místicos sanguinários, é o holocausto sangrento no altar de deus ou da ideia, que é a mesma coisa. Ah, Torquemada! Ah, Robespierre!”

Leandro Arpinati, quando era anarquista, tinha a especialidade de promover a dispersão das procissões em Santa Sofia em Forlí; e acabou dispersando as procissões vermelhas em Bolonha e outros lugares.

Mussolini deixou de ser um comedor de padres para se tornar um “homem da Providência”. Podrecca, o diretor estúpido do *L'Asino* acabou sendo um fascista e um puxa-saco. O anticlericalismo bruto que esteve em pleno vigor na Itália até 1914 deu os exemplos mais espetaculares de virada de jogo; e não poderia ser de outra forma, uma vez que à virulência sectária se juntou a superficialidade intelectual e a conversa fiada cultural.

O anticlericalismo em Itália foi fascista quando proibiu o toque dos sinos, quando impediu ou perturbou procissões, quando falsificou a história, quando apoiou os falsos testemunhos de crianças mitomaníacas ou de familiares gananciosos para falar de mais um “padre sujo”, quando negou a liberdade de educação, quando sonhou em negar aos crentes qualquer liberdade de ritual e culto.

Os resultados foram o que foram. Os comunistas que hoje flertam com os revolucionários cristãos da França e com os comunistas cristãos da Iugoslávia e usam Miglioli como espelho para brincadeiras democráticas cristãs de todos os países, em 1919 e 1920 contribuíram, com os socialistas... extremistas, para empurrar o Partido Popular para uma aliança com o fascismo. Os republicanos, com exceção de Mazzini, onde eram arrogantes, também caíram no anticlericalismo grosseiro e autoritário.

A subversividade e o racionalismo democrático-maçônico eram na Itália clericalmente anticlericais. Urbain Gohier escreveu em um de seus artigos contundentes (*Leur République*, Paris 1906):

O clericalismo não é um apego fanático a um determinado dogma ou a certas práticas; é uma forma particular de pensamento que se manifesta, sobretudo, na intolerância. A maioria daqueles que afirmam ser “anticlericais” hoje são clérigos protestantes ou clérigos judeus que lutam contra a religião católica em benefício da sua religião; ou maçons sectários repletos de tantos preconceitos, cerimônias tão vãs e enfeites ainda mais ridículos que os do clero. Os seus principais líderes são ex-padres ou ex-grades

que não conseguem livrar-se dos seus hábitos mentais nem da sua antiga disciplina, que restabelecem no “pensamento livre” os Natais pagãos, as Semanas Santas socialistas, os batismos cívicos, as comunhões e sobretudo as excomunhões, os banquetes em vez dos jejuns, os Evangelhos, os Credos dos catecismos e as entradas confessionais.

Esta categoria dos “padres de pensamento livre” prevaleceu na Itália, bem como na França e na Espanha. Na Itália, nenhum jornal “racionalista” teve a importância cultural da *La Civiltà Cattolica* dos jesuítas, da *Rivista Neotomistica* dos católicos, do *Bylichnis* protestante e do espiritualista *Coenobium*. Os mais sérios historiadores da religião na Itália foram sacerdotes católicos ou protestantes, e não houve um único “racionalista” que tivesse a formação cultural, em matéria religiosa, de um Turchi, um Fracassini, um Buonaiuti, etc. Na Itália, ainda em 1919 e 1920, houve o escândalo de jornais como o *Satana* de Roma, dirigidos por idiotas presunçosos que criticavam as religiões com argumentos ridículos, que publicavam artigos com uma lamentável pobreza de ideias e de documentação.

À ignorância e à estupidez deste anticlericalismo juntou-se a intolerância que, na França sob a hegemonia maçônica, levou à exclusão de padres de grande valor das universidades simplesmente porque eram padres. Assim, ao Padre Scheil, uma das maiores autoridades em Assiriologia, foi negada uma cátedra. Sobre ele, no seu *tratado as Primeiras Civilizações*, Morgan diz: “Quase não existem hoje na Europa quatro ou cinco desses cientistas assiriológicos cuja opinião tenha autoridade, e entre eles está V. Scheil, a quem tive a boa sorte e a honra de ter como colaborador no meu trabalho na Pérsia. Seu nome permanecerá sempre ligado à sua magistral tradução das leis de Hamurabi e à decifração dos textos elamitas, um *tour de force*⁸ realizado sem a ajuda de um bilíngue.” Os anticlericais não ficaram nada comovidos com o fato de a um cientista verdadeiramente digno ter sido negada a cátedra de Assiriologia no *College de France*, porque, segundo eles, um sacerdote não teria tido a imparcialidade necessária para tratar de assuntos relacionados com os estudos bíblicos. Tive como professor de história das religiões na Universidade de Florença o professor Fracassini, que era sacerdote, e no *Círculo de Estudos Filosóficos* desta cidade tive a oportunidade de assistir a algumas palestras do professor Buonaiuti, também um sacerdote. Pois bem, não hesito em declarar que nunca ouvi assuntos religiosos tratados com maior falta de preconceitos filosóficos, com maior rigor científico, com maior honestidade. Se quase